

Apresentação

À Malu Matencio,

Infelizmente, os fatos tristes da vida se sobrepõem a momentos que deveriam ser de alegria, como é o caso de apresentação de uma revista. Assim seria com este número da *Calidoscópico*, não fosse a perda dolorosa de uma grande batalhadora pela causa que une a maior parte dos artigos deste número, o letramento. Pois é, foi-se Malu. Admirável pela sua vivacidade, espírito de luta pelas causas da sala de aula brasileira, com um dinamismo que nos deixava a todos, companheiros das mesmas ideias, sem fôlego. Articulada e polemizadora, Malu não deixava de lado suas convicções e via as possibilidades de interagir com diferentes teóricos, resguardando a essência do pensamento de cada um. Foi assim com as ideias de Vygostki, com várias perspectivas interacionistas e, ultimamente, com sua entrada no ISD (Interacionismo Sociodiscursivo). Daí, o cruzar de nossos caminhos e os bons momentos de convivência. Promoveu, ainda em novembro de 2008, o III Encontro Internacional do ISD em Belo Horizonte, na sua PUC-Minas, com o sucesso que marcou sua trajetória. Era muitas vezes a defensora do impossível. Sua mensagem de final de ano diz bem disso: “...desejo seja um ano no qual, nas muitas interações de que participaremos, possamos pe(n)sar a diferença e a distância entre o possível e o necessário, de modo que, nesses tempos e espaços, criemos pequenos e grandes impossíveis!”.

Maria de Lourdes Meirelles Matencio era doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas e havia feito seu pós-doutorado no Laboratoire LIDILEM, da Université Stendhal, Grenoble III - França. Era professora da PUC/MG, onde foi coordenadora do Curso de Letras e membro do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, havia sido recentemente eleita para a vice-presidência da ANPOLL. Seu trabalho no campo da Linguística Aplicada foi marcado pela ênfase na formação do professor, nos processos de letramento e funcionamento dos gêneros discursivos, assim como nos processos de textualização e retextualização e no desenvolvimento e difusão desses processos pela perspectiva interacionista, como mostram os muitos livros e artigos por ela publicados.

É justamente um artigo de Malu que abre este número de nossa revista. Foi resultado de uma apresentação por ela realizada no VIII CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), em Porto Alegre, em outubro de 2008. Nele, a autora discute e reflete sobre princípios gerais de trabalhos

recentes acerca do letramento e suas abordagens em cursos de formação de professores. Retoma as bases dos “novos estudos do letramento”, a fim de discutir algumas tensões entre concepções de letramento e conceitos a elas relacionados, e as práticas de letramento na formação de professores. Por entender que as aulas de língua materna, em seus diferentes níveis, devem ser centradas na dinâmica das interações sociais, traz o tema da relevância dos gêneros do discurso para o desenvolvimento, pelo sujeito, de habilidades essenciais para agir em diferentes práticas de linguagem das quais participa. Nesse sentido, encaminha as possibilidades de seu uso para o processo de ensino-aprendizagem, entendendo que uma didática da escrita deve “ao contrário do que defendem muitos estudos, privilegiar a percepção, pelo aprendiz, das diversas rupturas entre práticas orais e escriturais, de modo que ele tenha condições de identificar suas especificidades.”

A questão da leitura e letramento é retomada, pela sua aplicação em língua estrangeira (LE), por Margarete Schlatter. Os objetivos para o ensino de LE no ensino básico, apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental (1998) e nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), encaminham a concepção de que devem ser focalizadas atividades que promovam o letramento, ou seja, a participação em diferentes práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita na língua materna e na LE. O artigo mostra que, para chegar a tal fim, a aula de LE deve criar condições para que o educando possa engajar-se em atividades que demandam o uso da língua a partir de temas relevantes ao seu contexto e de gêneros do discurso variados, para que tenha oportunidade de ampliar sua participação em práticas sociais em sua língua e em sua cultura, contribuindo para o seu desenvolvimento como cidadão. Exemplificando essa proposta, é apresentada e discutida uma unidade pedagógica para o ensino de LE na escola.

Os dois artigos a seguir continuam a perspectiva do ensino de LE. O de Vilson Leffa parte de um título desafiador: *Se mudo o mundo muda*, para mostrar que é preciso ir além das abordagens tradicionais, que nada mudam e são improdutivas. Defendendo a importância das relações entre os diferentes elementos de um mesmo sistema e entre um sistema e outro, vê a sala de aula de LE como um sistema complexo, para a qual defende como apropriada a ideia dos sistemas emergentes e do que tem sido definido como emergentismo.

Matilde Scaramucci polemiza, em sua análise, o fato de serem usados construtos semelhantes para avaliação de leitura em LE, em provas que tenham concepções diferenciadas de leitura. Critica a análise conduzida por Tumolo e Tomich (2007) e Tumolo (2005) como parte de um estudo que investiga a defensibilidade de itens de três instrumentos de avaliação de leitura – exames internacionais de proficiência (TOEFL e IELTS), exames vestibulares de duas universidades brasileiras (Unicamp e UFSC) e exames elaborados pelo professor em sala de aula. Scaramucci mostra que a própria definição de itens defensíveis, como aqueles que “permitem a demonstração da habilidade como definida no construto, enquanto os não defensíveis não permitem coletar evidências para uma interpretação válida da habilidade relevante” (Tumolo e Tomich, 2007, p. 67), inviabiliza a mesma análise para exames com construtos diversos. Para tal fim, são retomados alguns dos exemplos analisados no referido artigo, questionados aspectos da análise conduzida, os quais são rediscutidos à luz do conceito de validade de construto. Mostra, então, que não é possível ter como fio condutor de uma análise a ideia de que o construto “leitura” é universal e independente da situação de avaliação.

Na sequência, Dorotea F. Kersch e Ingrid Frank trazem o delicado tema do ensino de gramática na sala de aula de língua materna. Para verificar até que ponto o debate que a Linguística faz há bastante tempo sobre essa questão está presente nas falas e trabalho real de docentes e alunos, o artigo apresenta dados de pesquisa conduzida pelas autoras em quatro turmas de escolas estaduais de Porto Alegre. A análise desses dados mostra que os professores não incorporam conhecimentos preconizados pelos estudos linguísticos à sua prática em sala de aula, restringindo-se a repetir o mesmo ensino a que sempre estiveram habituados; ou, quando buscam se afastar do ensino centrado na gramática, promovem atividades de discussão de temas sem uma preparação adequada e sem objetivos definidos. Por sua vez, os alunos não conseguem sequer perceber novas possibilidades de construir um conhecimento gramatical aplicável as suas práticas letradas. As autoras concluem afirmando a necessidade de uma construção conjunta entre o conhecimento acadêmico e os docentes, de forma a garantir novas práticas em sala de aula.

O artigo de Irandé Antunes propõe uma “revisitação” do tema coesão, entendendo-a como uma das propriedades que confere ao texto a continuidade semântica necessária à sua coerência linguística e tendo em vista a importância do domínio conceitual relativo à textualidade. Nesse trajeto, o trabalho mostra uma síntese dos princípios que deram fundamento teórico à propriedade textual da coesão, focalizando as funções que ela desempenha na construção articulada do

texto que resulte coerente. A partir dessa descrição competente e abrangente, Antunes tenta comprometer o leitor com a ideia de que “compreender em que consiste a coesão, reconhecer quais as funções que desempenha para a organização coerente do texto corresponde à primeira condição para que se possa desenvolver um trabalho relevante de ensino do texto”. Mostra que, para atingir o objetivo de alcançar essa centralidade no texto, deve-se explorar seus recursos de coesão e de suas condições de coerência, na qual entram elementos da gramática e elementos do léxico.

Os artigos que encerram este número da *Calidoscópico*, têm pontos de contato por tratarem de política linguística, embora um deles a focalize em relação à variação linguística no contexto do ensino de português a falantes de português, e o outro verse sobre política linguística em uma comunidade bilíngue.

O texto de Djane A. Correa busca responder ao desafio de construção de uma pedagogia da variação linguística para a sala de aula de língua portuguesa¹. Mostra que, no convívio entre normas (cultas e padrão), há um jogo de forças, entre instâncias, na tentativa de intervir na forma da língua e em seus usos. Conclui apontando “que uma das formas de se pensar em uma pedagogia da variação linguística e transitar pelos meandros que caracterizam a pluralidade da língua é a que considera e discute primordialmente políticas linguísticas”.

O artigo de Maria Nilse Schneider traz à baila a necessidade de se discutir sobre políticas linguísticas dirigidas às línguas de imigração, particularmente, às variedades alemãs, e à formação de crenças e atitudes linguísticas. Baseia-se em pesquisas e trabalhos de campo que visam a descrever e mapear a variedade do alemão falada no sul do Brasil, o Hunsrückisch, para “fomentar o bilinguismo societal e precoce, através da implementação de políticas linguísticas locais e da conscientização sociolinguística e da desconstrução de preconceitos linguísticos em relação às variedades dialetais alemãs e seus falantes no cenário escolar”.

A apresentação dos artigos deste número da nossa *Calidoscópico* aponta a preocupação de pesquisadores brasileiros provenientes de universidades de diferentes locais do país com a questão da sala de aula de línguas. Transparece em todos a necessidade que Malu levantou em sua mensagem para 2009 “de pe(n)sar a diferença e a distância entre o possível e o necessário”, pois parece que os autores estão empenhados em “criar seus pequenos e grandes impossíveis”. Que o talento, a força e o dinamismo de Malu continuem entre nós.

Ana Maria de Mattos Guimarães

¹ Tanto o artigo de Malu Matencio como o de Djane Correa são reflexões a partir de apresentações realizadas durante mesa redonda desenvolvida por ocasião do VIII CELSUL, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sob o título de *Linguística Aplicada e ensino de língua portuguesa*, essa mesa foi coordenada por mim e teve ainda a participação de Luciene Simões.